

Santos e Gouveia *pintor de azulejo* (atv.1738-1739)³⁰⁵, em princípio trabalhando com António Vital Riffarto, e Agostinho de Paiva II (ca.1702-†1757), filho de Agostinho de Paiva I (atv.1695-†1734), citado como mestre *de oleirias e azullijador* em 2 de abril de 1745³⁰⁶, e ainda, à família Rego para a qual colhemos referências a cinco intervenientes diferentes radicados em Coimbra e ativos na arte do azulejo.

Começamos por Basílio do Rego (atv. 1743-1750), imputado na documentação notarial como *ladrihador de azulejos* ou *azulejador*, na verdade, mais um exemplo da migração de artistas e artífices a partir de Lisboa; natural da freguesia de Santa Justa de Lisboa é, em 13 de setembro de 1743, assistente em Coimbra, sendo casado com Mariana de Seça natural de Ançã (PAIS *et alli*, 2007: 53).

Já em Coimbra terá constituído família, uma vez que são frequentes as menções aos seus filhos na documentação paroquial entre as décadas de 1730 e 1740. Os seus filhos homens casam todos com filhas do oleiro Agostinho de Paiva I (atv.1695-†1734) (PAIS *et alli*, 2007: 152, 154): Bento José do Rego (atv. 1735-1756)³⁰⁷ *ladrihador de azulejos* casa a 2 de janeiro de 1735 com Bernarda Maria Teresa (PAIS *et alli*, 2007: 142, 152), Bernardo do Rego (atv. 1741-1747)³⁰⁸ *oficial de azulejador* casa em 10 de maio de 1741 com Eufémia Maria (PAIS *et alli*, 2007: 142, 152) e José do Rego (atv.1748) *azulejador* casa com Maria do Espírito Santo Paiva (PAIS *et alli*, 2007: 143, 152). Também dentro do meio oleiro,

³⁰⁵ PAIS *et alli*, 2007: 142.

³⁰⁶ Vd. Vol.2, Secção 1, Quadro 5, n.º20.

³⁰⁷ Em 1744 Bento José do Rego assina como testemunha presente numa nota de procuração em que Cosme Francisco Guimarães mercador de Coimbra constituía como seus procuradores vários mercadores da cidade de Lisboa, sendo identificado como *azollijador*. Vd. Vol.2, Secção 1, Quadro 5, N.º15. Em 1754 tinha as suas *casas de morada* na Rua de Tingerodilhas, pagando de foro a Bento José Ferreira de Gouvea 20 mil reis *cada hum anno* Vd. Vol.2, Secção 1, Quadro 6, N.º6. Foi mordomo da Confraria de Santa Justa e Santa Rufina, ereta no Mosteiro de Santa Cruz, já que a 16 de julho de 1756, sob essa condição constituía, juntamente com o *mestre de olaria branca* Manoel Gomes Figueira, como procurador da referida confraria Francisco Lourenço de Sequeira solicitador do número da Relação da cidade do Porto. Vd. Vol.2, Secção 1, Quadro 6, N.º10.

³⁰⁸ Bernardo do Rego *oleiro* assina como uma das testemunhas presentes numa nota de compra que fez Manoel Gomes Figueira oleiro de louça branca a 11 de setembro de 1744. Vd. Vol.2, Secção 1, Quadro 5, N.º14.

a sua filha Maria Teresa Rego contrairá matrimónio com o *pintor de louça* António Gomes (PAIS *et alli*, 2007: 152). Para a mesma época surgem ainda referências ao *azulejador* Brás do Rego (atv1743-1747) (PAIS *et alli*, 2007: 143), desconhecendo-se até à data a relação de parentesco com Basílio do Rego (atv. 1743-1750).

Para Basílio do Rego (atv. 1743-1750), parece-nos que se deva associar o contrato de *Obrigação à factura de huma obra de azulejo que faz o Mestre Bazillio do Rego*, datado de 9 de abril de 1750, lavrado pelo tabelião João de Sousa, da cidade do Porto, mencionado por José Manuel Tedim (TEDIM, 1996: 535). O autor apresenta-o como artífice do Porto, na publicação do resumo da comunicação «Basílio Rego – Mestre de Azulejos do Porto Setecentista» – nas atas do VI Simpósio Luso-Espanhol de História da Arte (TEDIM, 1996: 533-536).

José Tedim indica no mencionado resumo que o contrato teria sido realizado entre Manuel Gomes e João Gomes, moradores na freguesia de São Miguel de Lazarim (?) Comarca de Lamego e o «mestre de azulejo» Basíleo Rego, para este lhes fazer a obra de azulejo do Corpo da Igreja daquela freguesia por preço de duzentos mil reis (TEDIM, 1996: 535). No mesmo texto, o autor lamentava nada ter encontrado *in situ* aquando da sua deslocação à região de Lamego com a intenção de encontrar o produto final deste contrato (TEDIM, 1996: 536).

Ao confrontarmos o texto de José Tedim, de imediato nos interrogámos se o nosso azulejador Basílio do Rego (atv. 1743-1750), natural de Lisboa e radicado em Coimbra, não seria o mesmo interveniente do contrato celebrado no Porto para a feitura de uma obra de azulejo na comarca de Lamego, uma hipótese plausível face ao *modus operandi* verificado para António Vital Riffarto (1700-atv.1739).

Ao mesmo tempo, face à dúvida apontada pelo autor sobre a leitura do nome da freguesia, gerou-se-nos algum alento em relação à hipótese de poder vir a corresponder a um dos dois núcleos azulejares que tínhamos para aquela cronologia na região de Lamego, integrados no elenco que constituímos como conjunto de objetos de análise associados ao rótulo «azulejaria de fabrico coimbrão»³⁰⁹. Procurámos então analisar o documento no Arquivo Distrital do Porto, tendo como ponto de partida a simples referência fornecida por José

³⁰⁹ Vol.3, EARP44, EARP45.



Figura 182 | Igreja Matriz de São Miguel do Mezio (Castro Daire). Fachada principal. FA.

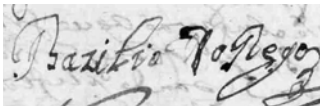


Figura 183 | Assinatura de Basílio do Rego mestre de azulejo no contrato de obra de azulejo celebrado na cidade do Porto com fregueses de São Miguel do Mezio, a 9 de Abril de 1750.

Manuel Tedim de que o mesmo pertencia ao 8.º cartório notarial do Porto, e datado do ano de 1750.

Após a localização do documento em causa, a folhas 156v-157v do Livro 229 daquele cartório notarial – *Obrigaçãõ a factura de huma obra de azulejo que faz o Mestre Bazilio do Rego* – a nossa leitura conclui que a escritura é celebrada entre Manuel Gonçalves e João Esteves, moradores na freguesia de *São Miguel do Omezio* (e não de Lazarim), *Comarca de Lamego*,

*«como procuradores de Manuel Monteiro, Domingos Esteves, Pedro Mendes e Antonio Monteiro da mesma freguesia e Manuel Gaspar e Bento Fernandes como administradores da Igreja da dita freguesia [...]»*³¹⁰,

e *Bazilio do Rego*, mestre azulejador, morador ao Padrão das Almas *extramuros* da cidade do Porto. O mestre azulejador ficava ajustado

*«em lhes fazer a obra de azulejo do corpo da igreja da freguesia por preço de duzentos mil reis sendo a conta delle mestre de azulejo o nesessario para a dita obra e todos os materiais para o assento delle e obra de mais e carretos e com efeito disse elle dito Mestre Bazilio do Rego que por este instrumento se obrigava pelos ditos duzentos mil reis a fazer a dita obra do azulejo de todo o corpo da dita Igreja com toda a prefeisãõ cobrindo do dito azulejo branco e azul em que na pintura delle sejam cobertas com os passos da vida de Nossa Senhora todas as paredes do dito corpo da dita igreja sendo por sua conta todo o azulejo necessário e metirias para o acento delle carretos e acento com toda a prefeisãõ como a este se pede e para assim o cumprir dice que obrigava sua pessoa e todos seos bens moveis e de raiz presentes e logo aceitou [...]»*³¹¹.

O azulejo – *declararao ellas partes que o dito azulejo serão sinco milheiros pouco mais ou menos*³¹² – seria, portanto, destinado a revestir o corpo da igreja da freguesia de *São Miguel do Omezio* – isto é, do Mezio (Castro Daire), pertencente à antiga comarca de Lamego – *com azulejo azul e branco* figurando

³¹⁰ Arquivo Distrital do Porto, Secção Notarial do Porto, 8.º Cartório, Liv. 229, fls.156v-157v *Obrigaçãõ a factura de huma obra de azulejo que faz o Mestre Bazilio do Rego*, Porto, 9 de abril de 1750, Livro de notas do tabelião João de Sousa.

³¹¹ Arquivo Distrital do Porto, Secção Notarial do Porto, 8.º Cartório, Liv. 229, fls.156v-157.

³¹² Arquivo Distrital do Porto, Secção Notarial do Porto, 8.º Cartório, Liv. 229, fl.157v.

os *Passos da Vida de Nossa Senhora*, a fazer pelo preço de duzentos mil reis, ficando à conta do *mestre de azulejo* Basílio do Rego todo o azulejo, carretos e materiais para o seu assentamento. No momento de celebração da escritura é ainda declarado que

«[...] *Manuel Gonçalves e João Esteves em nome dos ditos seus constituintes atras conteudos e declarados derao ao dito mestre cem mil reis em dinheiro de contado a conta da dita obra que o sobredito mestre recebeu em bom dinheiro de contado que elle contou e recebeu e dice estava certa a dita quantia de prestação [...]*»³¹³.

Deveras digna de nota é a relação de proximidade revelada entre Basílio do Rego e Nicolau Nazoni [Fig. 184], sendo que o mestre azulejador apresenta o arquiteto como seu fiador no presente contrato:

«[...] *dava para seo fiador e principal pagador a Niculao Nanzoni Arquitecto morador a Corpo da Guarda o qual estando presente disse que muito da sua vontade sem constrangimento de pessoa alguma ficava por fiador e principal pagador do dito mestre e se obrigava a que dece asi emteira satisfação ao que obrigado fica em cazo que falte elle, como seu fiador e principal pagador [fl.157v] se obrigava toda satisfazer como deveda sua própria [...]*»³¹⁴.

A revisão da leitura do documento revelado por José Manuel Tedim vem, portanto, corrigir o nome da freguesia de localização da igreja para a qual foi celebrada a escritura da obra em causa, permitindo correspondê-la com o núcleo azulejar da Igreja de São Miguel do Mezio, atualmente pertencente ao concelho de Castro Daire³¹⁵. Deste modo, as nossas suspeitas sobre se estaríamos perante o artífice radicado em Coimbra vêem-se reforçadas pela correspondência com o referido núcleo azulejar associado à produção coimbrã (SIMÕES, 2010: 167) que integramos no conjunto de núcleos em análise nesta tese.

A retificação da leitura da escritura em causa permitiu determinar a datação do conjunto, a autoria da obra, o encomendador, e reforçar a atribuição às olarias conimbricenses, bem como a suspeita de estarmos perante um ciclo narrativo de

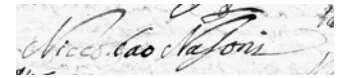


Figura 184 | Assinatura de Nicolau Nazoni no contrato de obra de azulejo celebrado na cidade do Porto entre o mestre de azulejo Basílio do Rego e fregueses de São Miguel do Mezio, a 9 de Abril de 1750.

³¹³ Arquivo Distrital do Porto, Secção Notarial do Porto, 8.º Cartório, Liv. 229, fl.157.

³¹⁴ Arquivo Distrital do Porto, Secção Notarial do Porto, 8.º Cartório, Liv. 229, fl.157-157v.

³¹⁵ Vol.3, EARP44.



Figura 185 | Revestimento cerâmico na nave da igreja de São Miguel de Mezio. 1750, Basílio do Rego (mestre azulejador). FA.



Figura 186 | Pormenor do revestimento cerâmico na capela-mor da igreja de São Miguel de Mezio. 1750, Basílio do Rego (mestre azulejador). FA.



Figura 187 | Picados no vidrado 1750, Basílio do Rego (mestre azulejador). Igreja de São Miguel de Mezio, nave FA.

temática mariana³¹⁶. Nesta última dimensão, importa realçar o aspeto singular que caracteriza o núcleo azulejar tal como se apresenta nos dias de hoje: um revestimento totalmente desordenado, sem uma leitura formal possível, situação difícil de entender, e que apenas se torna viável de ser explicada com uma hipotética associação a um possível problema surgido na fase de finalização da obra, aquando do seu assentamento [Fig.185].

A existência dos azulejos *in situ*, ainda que mal colocados, fazem confirmar através das evidências formais fragmentadas uma correspondência com os dados descritos no contrato, assim como a sobreposição cronológica, ou seja, confirmam que a obra foi cumprida até à finalização do transporte dos carretos de azulejos. A má colocação dos mesmos – não havendo memória na comunidade do Mezio de algum dia terem estado na sua posição correta³¹⁷ – indicia que provavelmente o assentador tenha faltado à sua tarefa, ficando a finalização da obra em suspenso até ao momento em que alguém teve a iniciativa de os assentar. Não entendendo a lógica das marcações no tardo, vendo-se incapacitado de montar o “*puzzle*” preocupou-se em agrupar motivos da mesma família formal (mãos, rostos, querubins, flores de grinaldas, palmas), e a tentar reconstituir os letreiros associados às várias cenas que integrariam o ciclo narrativo. Sabemos ainda que, nos anos 70 do século XX, parte do revestimento azulejar foi destruído, aquando da reformulação do espaço da nave, nomeadamente o apeamento do púlpito³¹⁸.

Da observação dos espécimes da Igreja de São Miguel do Mezio ressaltam os característicos problemas técnicos da produção azulejar de Coimbra, nomeadamente, o esmalte estanífero amarelecido e a abundância de defeitos na camada do vidrado, particularmente de *picados / olhinhos* e *refervidos* [Fig.187]. No que toca às questões estilísticas do desenho, pressentimos, a partir dos vários fragmentos de quadros figurativos, a pouca firmeza do traço, a definição das formas dependente da linha de contorno, e a dificuldade na representação correta

³¹⁶ Algo que suspeitávamos devido aos vários fragmentos de legendas que apontavam para a predominância de iconografia mariana, somados aos dados das memórias paroquiais de 1758 que informam que a igreja tinha dois altares colaterais ambos com invocação mariana: *Nossa Senhora do Rosário* e *Nossa Senhora da Conceição* (QUEIRÓS, 2006: I, 273).

³¹⁷ Vol.3, EARP44.

³¹⁸ Vd. Vol.3, EARP44.



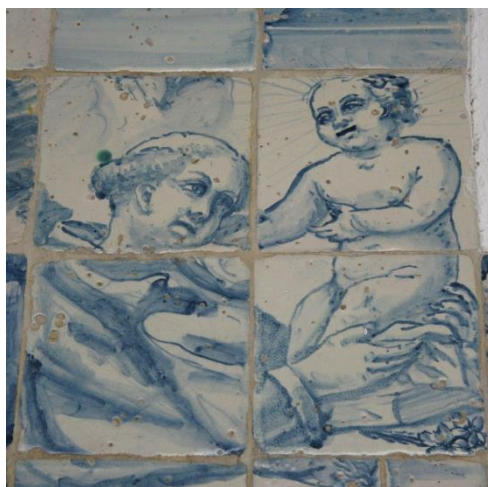
188



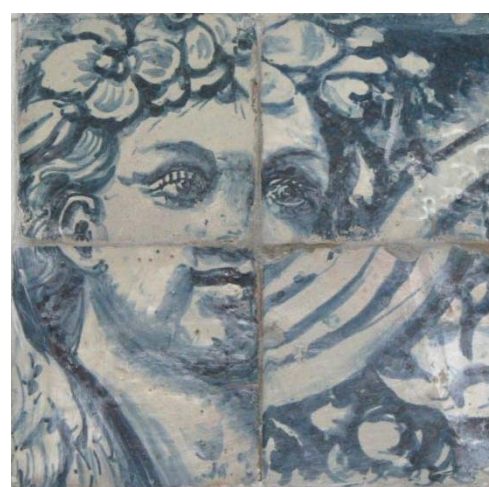
189



190



191



192

Figuras 188 - 192 | Vários pormenores do revestimento azulejar observado na Igreja Matriz de São Miguel do Mezio tal como se apresenta atualmente.
Igreja de São Miguel do Mezio, nave e capela-mor.
1750, Basílio do Rego (mestre azulejador).
FA.

das anatomias. Ao nível da pintura observamos nos vários trechos (em unidades eventualmente pertencentes a emolduramentos) um gosto algo tenebrista, apostado em explorar efeitos acentuados de claro-escuro, trabalhando os modelados por manchas com recurso a aguadas mais ou menos diluídas, e esbatidos.

A ausência de qualquer indicação segura e evidente de que o centro de fabrico onde Basílio do Rego operou para a feitura da obra em análise tenha sido Coimbra, ainda que as características técnicas a façam encaixar na produção coimbrã – os mencionados problemas ao nível da cozedura do vidro e a dimensão média da unidade (131x131mm) –, obrigam-nos a deixar esta questão em aberto. Acresce a contradição entre os dados biográficos que o apontam como radicado na cidade do Mondego àquela data (9 de Abril de 1750), e a indicação no contrato enquanto *morador ao Padrão das Almas extramuros da cidade do Porto*. Assim, não excluimos que Basílio do Rego tenha trabalhado com oleiros do Porto (Vila Nova), ainda que este centro produtor seja historiograficamente, para a área do azulejo, pouco significativo.



Figura 193 | Exemplo de um painel com o agrupamento de mãos e alguns pormenores de rostos
Igreja de São Miguel do Mezio, nave.
1750, Basílio do Rego (mestre azulejador).
FA.

Certo é que as relações da família Rego com a cidade do Porto seriam frequentes. A 21 de maio de 1748, Bernardo do Rego, filho do mestre azulejador Basílio do Rego, identificado também como azulejador (*azulligador*), e sua mulher Eufémia Maria, constituíam como seus procuradores o Doutor Caetano da Silva

Madureira *advogado da Relação do Porto* e José Lourenço Gonçalves *solicitador das despesas e numero da mesma Relação*³¹⁹.

À exceção de Basílio do Rego (atv. 1743-1750) e a sua associação ao núcleo da Matriz de São Miguel do Mezio, ainda não foi possível identificar a obra de azulejaria dos restantes intervenientes, seus familiares.

³¹⁹ Vd. Vol.2, Secção 1, Quadro 5, N.º43.

A 9 de junho de 1751 o mesmo Bernardo do Rego, então identificado como *pintor de azulejo*, assinava como testemunha numa escritura de procuração em que José Simões do lugar do Beijudo (Vila Seca, Condeixa-a-Nova), antigo termo de Coimbra, constituía como seu procurador António José Ferreira e outros da cidade do Porto. Vd. Vol.2, Secção 1, Quadro 6, N.º4.